

ENTREVISTA COM O ESCRITOR RENATO MODERNELL

O jornalista e escritor Renato Modernell é gaúcho. Tem 30 anos e vários prêmios literários. Em 1978 foi o 2º colocado no Concurso Nacional de Contos do Paraná, onde fez sua estréia. Em 1981 recebeu o Prêmio Guimarães Rosa de Minas Gerais com seu romance *Almanaque Minuano*. Uma reportagem publicada na revista *4 Rodas* lhe valeu o 3º lugar no Prêmio Bastos Tigre de Jornalismo patrocinado pela ABI e Bayer. Recentemente, Modernell ficou com a 3ª colocação na II Bienal Nestlé de Literatura com um volume de contos intitulado *O homem do carro-motor*. Agora seu primeiro livro de ficção está sendo lançado pela Global Editora — *Che Bandoneón* — na Coleção Múltipla.

FERNANDO COELHO. Como é que aconteceu seu encontro com a literatura?

RENATO MODERNELL. Eu escrevo desde pequeno, me lembro que a partir dos 8 ou 9 anos quando escrevi um conto sobre um cara cujo maior sonho era conhecer a África. Então este encontro vem de muito tempo. Veja você que o meu pai tinha um pequeno hotel num balneário em minha terra e nesse hotel tinha uma velha máquina Remington na portaria. Nessa idade eu fazia um jornalzinho sobre resultados de jogo de botão. Por volta dos 14, 15 anos escrevi poemas e somente me decidi a escrever com regularidade depois de ganhar este prêmio lá no Paraná. Mas reconheço que a poesia foi a minha porta de entrada na literatura.

FERNANDO COELHO. Mas você está abandonando a poesia propriamente dita?

RENATO MODERNELL. Acontece que estou descobrindo a poética dentro da narração. Abandonei somente os versos e não a poesia. Com o tempo fui descobrindo que a narração, embora falando de coisas menos etéreas, era tão rica quanto a poesia e para mim se tornou um horizonte maior do que o verso. Dificilmente escrevo poesia e acho que não vou publicar mais nada no gênero.

FERNANDO COELHO. Hoje em dia todo o mundo cita os grandes autores. Algum deles fez sua cabeça?

RENATO MODERNELL. Principalmente os últimos que eu li com o sentido de ter prazer e de aprender. Cortázar e García Marquez, por exemplo, mas passei um ano quase que lendo só Borges e foi uma grande descoberta. Gosto muito de Eduardo Galeano e, mais precisamente, os latino-americanos. Li muito Carpentier também.

FERNANDO COELHO. Você é um jornalista atuante. Escritor latino-americano que prefere os autores latinos. As questões políticas, como ficam em sua obra? Como você as vê?

RENATO MODERNELL. Acho que estes problemas políticos estão imbuídos na obra. Não como uma fratura exposta, como na obra de Galeano, por exemplo, que é uma denúncia clara, mas o que penso do político e social está misturado no que escrevo.

FERNANDO COELHO. Você é contra, então, à idéia de que o escritor, o intelectual tem que denunciar e fazer protestos em sua obra?

RENATO MODERNELL. Eu não concordo que uma obra deve ser totalmente de denúncia porque existem outros canais mais rápidos e eficientes para se denunciar. Uma maneira contundente e direta, por exemplo, é o jornalismo, a reportagem artística e a própria atuação política de cada um. Penso que alguém usar a literatura, a ficção, deliberadamente para isso, é desperdiçar um outro lado do escrever.

FERNANDO COELHO. Como é o seu livro *Che Bandoneón que sai agora pela Global?*

RENATO MODERNELL. É um conjunto de novelas. Três, ao todo. A primeira se chama *Clotilde*. É a história de uma mulher atual, independente, que se separa do marido e depois volta a depender dele. A segunda novela dá o nome ao livro. É a trajetória de um músico revolucionário, de vanguarda, e toda a sua luta para ser assimilado pelo público, pelas gravadoras. Sua luta para abrir portas a picareta. Esta novela foi inspirada numa reportagem que escrevi sobre a vida de Astor Piazzola. Mas ficou muito grande para ser publicada enquanto jornalismo. Aí resolvi transformar este trabalho de pesquisa em ficção, tomando como base alguma coisa da vida dele. A terceira novela, *Sul*, fala de um grupo de jovens de 14, 15 anos numa pequena cidade do Sul cujos problemas são a saída de casa, do lugar, para o mundo. Suas primeiras inquietações. Uma novela um pouco autobiográfica, mas somente como pano de fundo.

FERNANDO COELHO. Sua primeira novela fala dos problemas de uma mulher que procura seus direitos, sua independência. Como você encara a luta feminista?

RENATO MODERNELL. Olha, Fernando, a luta da mulher pela igualdade com o homem, igualdade de espaço e de possibilidades é uma das coisas mais legítimas e mais sérias do mundo de hoje. Dessa igualdade depende o crescimento não só da mulher como também do homem. Embora eu veja aí uma luta política de várias frentes, mas ao lado disso há uma luta individual, de cada mulher pela igualdade de direitos.